

## FRAGMENTOS DE UMA NÃO-POÉTICA\*

Carlos Felipe Moisés

### *PARTE I: O MUNDO POSSÍVEL*

¶Poesia? Geometria em chamas: cálculo e vertigem. Não se trata de disfarçar a premeditação, ateando aqui e ali uma ou outra labareda (fogo de palha?), para simular a desejada involuntariedade. Não se trata, tampouco, de ludibriar o arrebatamento irrefletido, enxertando aqui e ali algum desenho mais elaborado, artifício tão esperto quanto simplório. Trata-se de reconhecer que os dois polos antagônicos interagem, *ab ovo*, como irmãos siameses, cada qual a pelejar continuamente para impor ao outro a hegemonia de suas prerrogativas exclusivas. “Geometria em chamas” poderia ser só um disfarce, mas é a verificação de que todo traçado criteriosamente geométrico pode, a qualquer momento, entrar em combustão; ou de que toda chama de rebeldia indomável pode, inesperadamente, gerar o seu acalentado sonho de equilíbrio e geometrização.

¶Jamais acreditei que ser poeta dependesse de dom inato, vocação irrefreável. É antes uma questão de circunstância e oportunidade: a crise adolescente, o transe que nos faculta escolher entre o rosto que nos deram e o que queremos ter.

---

\*. Do livro inédito *Frente & verso: sobre poesia e poética*.

¶Poesia, em sentido estrito, resulta da vontade de criar: versos, poemas, artefatos, *artifícios*, mais ou menos bem sucedidos na medida em que consigam ocultar seu caráter de artifício. Já a outra espécie, quase sempre grafada com inicial maiúscula, simplesmente acontece, alheia à nossa vontade, como se fizesse parte do mundo natural, como se brotasse espontaneamente da constituição íntima das coisas – que, como diria Caetano de Faria, não têm constituição íntima alguma. Ao nos defrontarmos com um poema, em sentido literal e literário, vamos conscientemente ao encontro da poesia aí recolhida, por deliberação do poeta. Não assim com a outra espécie. Esta é que vem ao nosso encontro e nos colhe de surpresa. Mas para isso é preciso que nosso horizonte seja regido pelo signo da disponibilidade. Afinal, nem todas as vozes são passivas.

¶Espontaneidade, ou o impulso que às vezes, de repente, nos leva a escrever, é só a ilusão de que somos capazes de eternizar o instante, captar a experiência fugidia, preservando-a do desgaste do tempo, como se fosse possível tocar o âmago da emoção pura e irrepetível. Cravados nessa miragem, muitos leitores, e até poetas, consideram um sacrilégio emendar uma linha, reescrever uma página, o que macularia e tornaria menos autêntico o impulso inicial, um impulso que na verdade já não está mais presente. Nunca esteve. Os gestos que fazem a verdade da vida raramente garantem a legitimidade da sua expressão literária.

¶Um terceiro círculo se abre quando o poeta, caso continue a falar de si, já não fala mais a si, nem ao ouvinte-confidente, mas ao leitor anônimo, interessado na poesia possível e não no embate existencial que poderia estar na gênese do poema. Ao abrir mão de explicar sentimentos e pensamentos supostamente profundos, o poeta descobre a conveniência de se impor limites. “Expressar-se” e “ser compreendido” passam a importar menos que comunicar ao leitor a surpresa de estar vivo e a emoção universal de (tentar) acrescentar alguma beleza ao mundo.

¶Todo poema é um exercício de exercícios. Todo poeta é um exército de poetas, e sabe brincar com as palavras, embora isso não o faça poeta. Nenhum poeta sabe, nem precisa saber, o que é ser poeta. Não se trata de uma condição que o indivíduo possa assumir diante dos demais. O poeta só o será diante de si mesmo. Por isso enrubescer quando constrangido a declarar: sou poeta. Melhor seria dizer apenas: sou. Ou, como Caetano de Faria: “Nem sequer sou poeta: vejo”.

¶Poesia é compulsão obstinada, é lidar amorosamente com as palavras, uma a uma, sílaba a sílaba. O poeta é um ser obcecado pelas palavras. Uns

mergulham nelas como numa bolha asséptica, escudo que os defende da vida. Outros ingressam no seu reino como num paiol, estopim aceso, para que a vida ali contida rodopie e dispare, e a explosão contagie o mundo inteiro. Ou ao menos a esquina mais próxima, o muro do vizinho. O poeta é obcecado pelas palavras, como o pintor pelas cores, o escultor pelos espaços vazios, o fotógrafo pela luz. Ou o músico pelos sons que extrai das pedras, das engrenagens enferrujadas, das estrelas inúteis – e às vezes até do fagote ou da cuíca. Nada mais lhe importa, pois isso, que não é nada, para ele é tudo, é o mundo possível.

¶O que me atrai na música é a sugestão de *continuum*, tempo ilimitado, promessa de libertação do jugo da palavra. Já a pintura me atrai na direção oposta: a volúpia da instantaneidade, tempo retido na visualidade da espacialização circunscrita. Ao juntar palavras sobre o papel, ao longo das linhas seccionadas do poema, minha aspiração é somar um pouco de cada: *cosa mentale*, para os olhos e para os ouvidos.

¶Se a poesia serve para alguma coisa? Para muitos leitores, serve de pretexto para se evadir da realidade, e buscar refúgio na fantasia de um mundo paralelo, feito de idealização e sublimidade. É, a poesia pode servir de consolo, pode funcionar como terapia evasionista, mas será só um paliativo. O escapismo é sempre uma forma de autoengano, que acaba por promover desmoronamentos ainda mais desastrosos que a dor de encarar de frente os infortúnios. Já para outros leitores a poesia serve justamente para ajudar a encarar de frente, digamos, a barbárie geral que vai tomando conta deste nosso mundo globalizado. A poesia então ensina a ver com os olhos da imaginação, que não deve ser confundida com a mera fantasia, caminho rápido, este sim, para a evasão e a fuga. A poesia é uma forma de conhecimento. Serve para aguçar nossa consciência.

¶Parece normal que o poeta se entusiasme com o que acaba de escrever. Ainda movido pelo impulso que o desencadeou, e tocado pela tensão extrema da luta com as palavras, é natural encarar o poema recém-escrito como objeto translúcido, que deixa entrever, tão nítido!, o belo feixe de intenções de que proveio. Passado o tempo necessário (às vezes algumas horas; outras, meses e anos), só então o poeta será capaz de enxergar, exatamente, quanto da intenção inicial se concretizou em palavras. Aí é normal, também, julgar que a maior parte se perdeu, *se quedó en el tintero*. Boa razão, aliás, para seguir tentando. Se eu tivesse criado um só poema que traduzisse fiel e plenamente a intenção pretendida, não teria por que escrever outro.

¶A loquacidade excessiva só incomoda a meia dúzia de ouvintes que tiveram a má sorte de estar ali. Já a prolixidade, vício literário paralelo, pode incomodar a centenas, milhares de leitores. A prolixidade não é fruto de deliberação (ninguém é prolixo de propósito), mas da inad-vertência, e no geral radica na hipertrofia do ego, isto é, uma voz que balbucia e resmungua, sem parar, a buscar sem rumo a autoidentidade perdida. O leitor distraído, que não atine com os momentos fortes do poema à sua frente, caso estes existam, deixa-se quase sempre conduzir pela aliciante cantilena do poeta prolixo e, a exemplo deste último, confunde poesia com devaneio.

¶Minha meta, anos a fio, foi apresar no poema algo de “belo”, uma centelha de “beleza” – assim mesmo, entre aspas, porque eu nunca soube o que é isso. Quando me convenci de que nunca chegaria a saber, passei a me satisfazer com um objetivo mais modesto: apresar no poema algo que fizesse sentido. Quando você se depara com alguma coisa sem sentido, isso não é tão mau assim: a experiência é inalienável da expectativa de que algum sentido exista. O problema é o não-sentido generalizado, essa espécie de tótem pós-moderno, segundo o qual nada faz sentido e não há o que procurar. Aí, buscar algum passa a ser uma forma de resistência: força de vida, lutando contra a destruição ou a nulidade subjacente a tudo o que é, ou parece ser, definitivo. O dilema só se resolve no limite das formas, dos ritmos – das firulas da linguagem, em suma, único terreno em que a vontade é soberana. Ou se ilude de soberania.

¶Poesia não serve para nada, é um negócio inteiramente inútil, ocupação de desocupados. Não é assim que pensa a maioria das pessoas? Então, de tempos em tempos, algum poeta se sente na necessidade de demonstrar que a poesia serve, sim, para alguma coisa – algo tão valioso, tão profundo, tão misterioso, tão sutil e hermético, que a demonstração se esfarela no ar e o esforço só irá convencer a quem já estivesse previamente convencido. A poesia é, no mundo atual, um dos últimos redutos onde o homem teimoso (quem sabe é uma boa definição de poeta: o homem teimoso) insiste em buscar um sentido para as coisas. Mas, alguém dirá, isto não é função da poesia e sim da filosofia. Bem observado. Eis aí uma das razões pelas quais Platão não quis saber de poetas na sua *República*.

¶Os antigos sabiam que poesia é, não só mas também, artifício, técnica, domínio do instrumento, capacidade de convencer o leitor de que aquilo tudo é verdade. Até poderia ser verdade, mas não é isso que convencerá o leitor, e sim a habilidade do poeta. Depois os românticos atribuíram peso negativo a “artifício”, e “retórica” passou a ser sinônimo de falta de

sinceridade, inautenticidade. Não que ser sincero ou autêntico não sejam metas desejáveis, mas em poesia a única chance é simular, parecer – de um modo tal que o leitor não se dê conta. Sinceridade, em poesia, é o artifício eficiente, que passa despercebido.

¶O jovem poeta? Bem, ele deverá saber, antes de mais nada, e isso talvez seja tudo, que um dia deixará de ser jovem. Mas já que você insiste nessa coisa de “conselhos”... Primeiro convém que ele abdique de todo orgulho e esteja sempre disposto não só a ouvir como a buscar conselhos. Para quê? Na maior parte das vezes para refutá-los e rejeitá-los, claro. Mas, se ele não ouvir a todos, com atenção, como fará para que a rejeição não seja só ato gratuito, arrogância? Ou como fará para atinar com o que presta, em meio ao limbo dos imprestáveis? E esses raros conselhos que prestam deverão ser temperados com seu jeito pessoal. Esse jeito, claro, ainda não existe na altura em que a pessoa dá os primeiros passos (portanto, melhor não forçar, não tentar inventar uma personalidade “própria” já no primeiro livro), mas deve ir sendo garimpado desde o instante inicial. Cedo ou tarde, esse jeito e essa personalidade darão o ar da graça, naturalmente. E é preciso resistir à tentação de aparecer, brilhar, arrebentar a boca do balão, para não ter de passar o resto da vida à procura da poesia que ele desistiu de fazer (não vai achar nunca) e da personalidade “própria”, que virou alheia antes de existir.

¶Com quantas metáforas se faz um poema eu não sei, porque isto seria definir, antes que o poema chegue ao papel, como este deve ser. “Metáfora” é só uma etiqueta, aplicada pela crítica ou pela retórica a uma das múltiplas formas de expressão inventadas ou reproduzidas pelo poeta. Se, quando se dispuser a escrever um poema, você ficar muito preocupado com metáfora ou não metáfora, e quantas, e assim por diante, o risco é não fazer nada, ou produzir um irrelevante apêndice de algum manual de retórica.

¶No mundo moderno, a ideia de inspiração rivaliza e coabita com seu aparente contrário, a de poesia como construção, trabalho continuado, deliberação consciente. Mas só na mente dos fanáticos, os adoradores exclusivos de uma ou de outra, serão concepções que se excluem. A palavra “inspiração” continua a ser lembrada, mas para fazer referência, indireta, à margem de incerteza inerente ao processo que conduz da intenção de escrever um poema à sua efetiva concretização em palavras – vale dizer o imponderável, que os antigos atribuíam ao “capricho” dos deuses. Capricho por capricho, o homem moderno prefere lançar mão dos seus próprios recursos. E a mesma palavra pode também servir

de álibi ao poeta vaidoso, que acha mais gratificante ser reconhecido como enviado dos deuses, alguém muito acima da multidão ignara, do que como humilde operário das palavras. Ou pode, por fim, servir de desculpa ao poeta preguiçoso.

¶As palavras que figuram no poema devem constar em qualquer bom dicionário. Quando não, é necessário que mereçam passar a constar, logo em seguida. A sucessão de vogais e consoantes; o fluxo do pensamento, das emoções e do resto; e o recorte dos versos precisam formar um todo orgânico, em regime de convivência, de modo que mexer num pedacinho qualquer, de qualquer desses estratos, resultaria em desmontar o arranjo todo. Imprescindível alguma inventividade, estrato a estrato, mas cumpre tomar cuidado com a ambição da inventividade total, caso em que o poema não terá um só leitor, salvo os iniciados, familiarizados com o não-idioma forjado *pro domo suo* pelo falso poema. Entre o terceiro e o quarto verso, embora isso varie um pouco, deve estar escondida uma centelha capaz de, como diz o metacientista Antônio Maria Lisboa, “perfurar a Razão com a Loucura, ou vice-versa”, quando o leitor passar por lá.

¶O desafio número um, dentre os que o próprio poeta se impõe, com certeza o mais duro de todos, será jamais se satisfazer com o que venha a realizar, será exercer sobre suas boas intenções poéticas a mais severa vigilância. Quaisquer que sejam o reconhecimento, a aceitação e o aplauso obtidos com as primeiras tentativas, o poeta deve sempre se impor o desafio de julgar que é capaz de fazer melhor. Vaidade ou presunção à parte, deixar que o talento cuide de tudo é mau negócio; convém apostar pelo menos metade das fichas na aprendizagem. Com isso a inspiração tenderá a crescer, e então alguma poesia de valor talvez venha a ser criada. Pois é, *talvez...* Nunca haverá certeza de nada.

## **PARTE II: VOCÊ SABE TOCAR PIANO?**

Antigamente, corria uma piada sem graça, segundo a qual, indagado se sabia tocar piano, o indivíduo respondia: sei lá, nunca experimentei. Hoje, no entanto, é só substituir “tocar piano” por “fazer poesia” e já não será mais piada, com ou sem graça. Embora estejamos no mesmo caso, será só uma resposta que muitos aceitarão como plausível. Quando o da piada se aproximasse de um piano pela primeira vez, ninguém teria dúvida em constatar, ao primeiro contato dos seus dedos com o teclado, que ele

realmente não sabe tocar. Já em relação à poesia... Poucos leitores, ou ouvintes, se darão conta do engodo, pois aí não estarão mais em causa as razões estéticas e sim as da moralidade vigente: saber fazer e fazer bem feito contam bem menos do que o sagrado direito que todos temos de tentar e continuar tentando, à vontade, qualquer que seja o resultado.

Quem nunca experimentou, e “portanto” não sabe se sabe fazer poesia, fatalmente recorrerá, na primeira tentativa, a um vocabulário impreciso, sintaxe desgovernada e negligente, linguagem falsamente elevada, uma enfiada de clichês, pretensamente profundos, nenhuma noção de ritmo, tudo muito prolixo, redundante, nenhum esforço no rumo da concisão e da originalidade, simples memória involuntária de leituras mal assimiladas. Mas como farão o leigo e o próprio aspirante a poeta para distinguir entre a tentativa bisonha, tão bisonha quanto a do pianista da anedota, e um poema verdadeiro?

Tendo experimentado, e reconhecido o fracasso, o candidato a pianista tratará de procurar uma escola de música ou um conservatório, onde alguém mais experiente lhe ensine a identificar as notas e o convença a se dedicar, por largo tempo, a solfejar uns exercícios variados, muito monótonos, associando-os a noções práticas de compasso, cadência, ritmo e por aí vai. Ao longo do processo, marcado por crescente complexidade, o candidato a concertista irá adquirindo aos poucos a necessária familiaridade com o instrumento e seus recursos. Só depois, às vezes muito depois, às vezes nunca (muitos desistem no meio do caminho), começará a tocar.

Haverá aprendizado equivalente, se o caso for “fazer poesia”? Sim e não. Não, se o candidato esperar que alguém lhe ensine, primeiro, a dominar o instrumento, para só depois executá-lo. Não há escola que seja capaz disso. Mas sim, se entender que seu instrumento é a própria língua e, para utilizá-la como tal, ser falante nativo ou ter sido alfabetizado não bastam. E de nada lhe valerá decorar um bom dicionário ou empanurrar-se de gramática. Isso poderá, quem sabe, despertar seu interesse pela filologia, mas não lhe dará o preparo adequado para praticar a arte dos aedos com um mínimo de proficiência.

Além disso, ao contrário do que se passa com o praticante das demais artes e ofícios, o aprendiz de poesia não estará apto a desempenhar satisfatoriamente a sua arte se se limitar a aprender o que houver de mais avançado na área, as técnicas mais atuais, desobrigando-se de tomar conhecimento das etapas anteriores, irremediavelmente ultrapassadas.

Para além ou aquém do que possa haver de obsoleto na poesia de outras épocas, os fundamentos da velha arte continuam a ser essencialmente os mesmos, o que em parte justifica o apaixonado exagero de um Leopardi, para quem “tudo se aperfeiçoou de Homero em diante, mas não a poesia”. Se fosse só uma questão de experimentar, que necessidade teria o poeta de se preparar ou de aprender seja o que for? Conhecer bem a tradição? Mas não sabemos todos que tradicional é o que está condenado à obsolescência, devendo ser mais cedo ou mais tarde inapelavelmente repellido? Então, melhor repelir *in limine* e começar logo a experimentar.

Digamos que algum talento ou dom inato ou até mesmo a “inspiração divina”, da metafórica linguagem platônica, sempre conta, de um modo ou de outro. Mas ninguém é capaz de negar que o aprendizado é decisivo, imprescindível. E o poeta aprenderá não antes de fazer – o que talvez leve alguns a invejar o pianista da anedota – mas simplesmente fazendo. E, se for tangido pelo genuíno propósito de compreender o que faz, seguirá aprendendo, vida afora.

### **PARTE III: O QUE TODO POETA DEVIA SABER**

#### *1. Como escrever um poema*

Tenha à mão, sempre, muitas folhas de papel e um hodômetro. Ao primeiro sinal de comoção, anote tudo, nervotaquigraficamente, sem se preocupar com as lacunas e a pontuação. Não confundir com escrita automática, que de automática não tem nada, nem com ditado do inconsciente, que além de surdo é mudo. Depois, estender, prolongar, espichar a comoção até o limite do decoro. O fluxo deve parecer convincentemente caótico. Quando este se extinguir, comece a preencher as lacunas.

Pontuação, ainda não.

Retome, do início, para que o fluxo reflua, atrás de outra ou da mesma comoção. Se for outra, espalhe tudo, uma vez só; se for a mesma, reespalhe pelo menos duas ou três vezes, para que do fluxo emerja um refrão.

Deixe expostas as fraturas ou provoque algumas.

Torne visível o que se escondeu e dissimule o demasiado evidente. Considerando que um conduz ao outro, *da capo sine fine*: cortar-rematar com uma síntese inesperada, para que nada disso se confunda com a



involuntária descoberta do moto contínuo.

Acrescente alguma pontuação.

Caso alguém queira saber, explique que isto se chama disseminação e recolha.

Reescrever, reescrever, reescrever, com displicência e naturalidade (comoção, nenhuma), até quase esgotar o estoque de papel. Reserve uma ou duas folhas, no máximo, para o ato final.

Passa a limpo, eliminando a pontuação.

Anuncie que tudo nasceu pronto, quase instantaneamente, palavra por palavra, do jeito que aí está.

Ligue o hodômetro.

## *2. Por que escrever um poema*

Se do tópico anterior você tiver deduzido que escreve para deixar boquiaberto o leitor, deduziu mal ou foi longe demais.

Sabe aquelas páginas esplêndidas, suntuosas, que os grandes poetas escrevem para explicar por que escrevem? Prefácios, depoimentos, correspondências secretas, declarações solenes, entrevistas, diários íntimos, discursos para quando recebem ou para quando forem receber prêmios... Sabe? Então esqueça. É tudo poesia, só poesia.

Admita que a única verdade nessa matéria, a única resposta honesta é: você escreve para ser lido. E por que você quer ser lido? Porque precisa que alguém lhe diga o que você não sabe. A saber: 1) se o que você acabou de escrever é um bom poema; 2) se você um dia vai ser capaz de escrever outro – dos bons, claro: se o primeiro for mau, continue a escrever e não perca tempo com perguntas irrespondíveis; 3) se você é realmente poeta.

Agora volte àquelas páginas admiráveis: Baudelaire, Mallarmé, St.-John Perse, Kaváfis, Gottfried Benn, Eliot, Valéry, Auden, Bandeira, Paz, Mariane Moore... todos! E me diga se não é isso mesmo.

Agora volte à pergunta fatídica. A experiência só lhe trará algum proveito se, ao perguntar, você tiver esquecido completamente tanto a resposta

que quer ouvir como a que tem medo de ouvir. Você diria: tirante isso, o que sobra? Resposta: a resposta que você não sabe.

Se lhe disserem: 1) é um belíssimo poema; 2) você com certeza vai escrever outros, tão belos quanto; 3) você é um grande poeta – você não acreditará, achará que perguntou à pessoa errada, um bajulador, alguém muito complacente e que, afinal, não entende nada de poesia.

Se lhe disserem: 1) esse poema é pior do que você imagina; 2) jamais escreva outro; 3) você nunca foi poeta – você também não acreditará, achará que perguntou à pessoa errada, um invejoso, um idiota absoluto, que não entende nada de poesia.

Em suma, você não vai saber. A não ser que desista de perguntar. Ou de perguntar aos outros.

Aí é possível que, *out of the blue*, a resposta apareça: límpida, admirável, esplêndida, suntuosa. Mas é preciso que você esteja concentradamente distraído.